



O Campo da Comunicação e os Estudos Culturais Britânicos: uma Análise a partir do Conceito de Cultura¹

Raquel Cantarelli Vieira da Cunha²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

Resumo

No intuito de problematizar a cultura como elo na relação que se estabelece entre os Estudos Culturais e o campo da Comunicação, propomos um panorama deste conceito, começando pela origem da palavra para, então, posteriormente, refletir a cultura em uma das obras do autor Raymond Williams que deu origem aos Estudos Culturais Britânicos. Pois esta reflexão nos é necessária na busca por uma articulação entre o campo da Comunicação e os Estudos Culturais.

Palavras-chave: cultura; estudos culturais; campo da Comunicação

Introdução

Múltiplas contribuições de outras disciplinas marcam a história do campo da Comunicação. Sem dúvida, isso não constitui um problema, contudo, a questão da interdisciplinaridade assumiu uma outra característica nesse campo. E ela marca profundamente não só a história do seu nascimento, mas também sua história recente. Considerando as peculiaridades do campo da Comunicação – dentre as quais está a sua fragmentação – e a influência que os Estudos Culturais vêm exercendo na área, faz-se necessário uma reflexão sobre a expansão e as rupturas dos Estudos Culturais, já que sua presença é cada vez mais constante. Escosteguy (2001) os considera uma perspectiva teórico-metodológica, um vasto empreendimento diversificado e controverso que extrapolam o campo da comunicação. Apesar de os Estudos Culturais terem um nome, não estão institucionalizados, mas aparecem no campo da Comunicação com a proposta de um debate original sobre a cultura, pensando-a como instrumento de reorganização social. Aliás, o campo da Comunicação destaca-se como um dos principais espaços onde se tem demonstrado a eficácia da presença dos Estudos Culturais, provavelmente por eles se dedicarem quase que exclusivamente a cultura dos meios.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Raquel Cantarelli Vieira da Cunha é mestranda em Comunicação pela Universidade de Brasília. Publicitária formada pela Universidade Católica de Pelotas, atualmente ministra aulas nos Cursos de Comunicação do Instituto de Ensino Superior de Brasília - IESB E-mail: raquelcantarelli@gmail.com



Mesmo com tantas indefinições acerca do estatuto tanto dos estudos Culturais, quanto do campo da comunicação, ambos estão em contato. Por isso, nos propomos aqui problematizar o movimento dos Estudos Culturais dentro do campo da Comunicação a partir da análise do conceito de cultura. Acreditamos que entender a noção de cultura nos Estudos Culturais pode contribuir para outras problematizações como, por exemplo, perceber como os Estudos Culturais entendem a Comunicação. E assim, aos poucos, conseguiremos articular dois campos e não mais fazer a fusão de horizontes.

A Cultura nas Ciências Sociais

Por ser **cultura** mais um conceito apropriado pela nossa área e, também, polissêmico, no intuito de não cometer mais uma distorção do sentido, tivemos o cuidado de colocar em diálogo autores que pensam a cultura de “forma pura”, de uma maneira conceitual e não um debate de atualidade, onde o termo apareça “contaminado” por juízos de valores ou comprometido com aplicabilidades parciais (ou imediatas).

Sabemos que o termo é aplicado de forma bastante abrangente, desde o significado de “cultivo” (do verbo latim *colere*) até sua acepção de “conhecimento científico”, passando por *cultura erudita*, *cultura de massa*, *cultura popular* entre outros. Também há variações de épocas e lugares. Na Antiguidade, os romanos utilizavam a palavra *cultura* se referindo a tudo aquilo que homem vem produzindo ao longo da história como, por exemplo, a educação aprimorada de uma pessoa, seus interesses pelas artes, pela ciência e filosofia. De todo modo é consensual que é o desenvolvimento cultural, e não o biológico, que caracteriza o homem.

Resgatemos, então, a célebre classificação feita pelo antropólogo americano Alfred Kroeber³, na década de 1950, que, após compilar 250 definições para o termo, propôs uma subdivisão em sete grandes grupos. São eles:

- 1) A cultura como sinônimo de erudição, refinamento social ou, como propõem a tradição da filosofia idealista alemã, *bildung* no sentido de desenvolvimento tanto individual quanto coletivo.
- 2) Cultura como sinônimo de arte e suas manifestações.
- 3) Cultura como hábitos e costumes, que representam e identificam o modo de ser de um povo.

³ *A Natureza da Cultura* - Lisboa: Edições 70, 1993. (em Mércio Gomes, 2008 p. 32)



- 4) No sentido de identidade de um povo ou uma coletividade que se forma em torno de elementos simbólicos compartilhados.
- 5) Como aquilo que está por trás das atitudes de um povo, ou seja, uma estrutura inconsciente que modela os comportamentos, pensamento e posicionamentos das pessoas no mundo, modelo, estrutura, padrão.
- 6) Outra acepção argumenta que cultura é uma dimensão que está em e perpassa todos os aspectos da vida social, conseqüentemente, é aquilo que dá sentido aos atos e fatos de uma determinada sociedade.
- 7) Por fim, genericamente, entende por cultura tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem.

Esta última acepção, genérica, nos remete à primeira definição formal de cultura, de 1871, proposta pelo inglês Edward B Tylor⁴: “Cultura: (...) é o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” Ou seja, todo o comportamento aprendido, tudo que independe da transmissão genética.” Esta visão universalista da cultura é entendida pelo arqueólogo Gordon Childe como uma nova abstração. É como se a cultura apresentada por Tylor fosse uma mecânica reunião de “traços” que poderiam ser isolados e comparados com outros traços, colhidos de forma idêntica, em uma cultura diferente. Childe opõe a esta visão mecânica uma visão onde a cultura aparece como um todo orgânico: “Cultura é uma expressão material durável de uma adaptação a um meio, tanto humano quanto fisiográfico, que permitiu a uma sociedade sobreviver e desenvolver-se”. Conceitos como esse permitem à arqueologia estabelecer as seqüências das culturas nas diversas regiões naturais observando diferenças arbitrárias entre símbolos. O que não limita a antropologia a entender cultura desta forma:

(...) A concepção de cultura do antropólogo não difere, em gênero, da concepção do arqueólogo, embora seja muito mais ampla. Compreende todos os aspectos do comportamento humano que não constituem reflexos ou instintos inatos. É tudo que o homem obtém com a educação com a sociedade de seus semelhantes, e não aquilo que lhe vem da natureza ou do meio sub-humano. Inclui a língua e a lógica, a Religião e a Filosofia, a Moral e as leis, bem como a manufatura e o uso de instrumentos roupas, casas e até a escolha da comida. Tudo isso o homem aprende com seus companheiros de sociedade. (CHILDE, 1961, p. 37)

Na verdade, é importante salientar que Tylor, ao colocar esta visão universalista da cultura, rompe com as visões restritivas e individualistas no debate franco-alemão, por

⁴ Pesquisador e pensador inglês, reconhecido por muitos como o primeiro a promover a Antropologia como uma Ciência. Fundador da Escola Britânica e Etnografia



vezes considerada antítese de civilização. Não apenas para Tylor, mas, para muitos antropólogos a cultura consiste em idéias, abstrações e comportamento⁵. Resulta de uma invenção social aprendida e transmitida por meio da aprendizagem e da comunicação.

Neste meio tempo, ao longo do século XIX essa reflexão está na origem da sociologia e da etnologia como disciplinas científicas. Se a sociologia busca uma reflexão acerca do homem e a sociedade, a etnologia vai buscar respostas à questão da diversidade humana dentro da unidade que herdaram da filosofia e iluminismo. Os etnólogos seguem dois caminhos distintos: um que privilegia a unidade e outro a diversidade. E aquele conceito de cultura, citado no início deste capítulo como sendo o primeiro conceito formal proposto por Tylor, onde ele sintetiza os dois termos, *Civilization* e *Kultur* em *Culture* é, na verdade, um recurso para pensar o problema e explorar as possíveis respostas e marcar o caráter de aprendizado da cultura em oposição a idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. Apesar da palavra cultura estar em voga era utilizada tanto na Alemanha, quanto na França com um sentido *normativo*. Os primeiros autores da etnografia vão lhe dar um conteúdo puramente *descritivo*, ou seja, não dizem o que deve ser cultura, mas descrevem o que ela é tal como aparece nas sociedades humanas. Ela passa a ser um objeto de estudo em potencial por tratar-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades o que permite a formulação de leis sobre o processo cultural.

Retomando Kroeber, Laraia⁶ discute a subdivisão do conceito de cultura e propõe que a ampliação do conceito de cultura pode ser relacionada aos seguintes pontos:

1. A cultura, mais do que a herança genética, determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações;
2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais. Os seus instintos foram parcialmente anulados pelo longo processo evolutivo por que passou;
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos. Em vez de modificar para isto o seu aparato biológico, o homem modifica o seu equipamento superorgânico;
4. Em decorrência da afirmação anterior, o homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu habitat;
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas;
6. Como já era do conhecimento da humanidade, desde o Iluminismo, é este processo de aprendizagem (socialização ou endoculturação, não importa o termo) que determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional;
7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores. Este processo limita ou estimula a ação criativa do indivíduo;
8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes

⁵ Entendendo por idéias concepções mentais de coisas concretas ou abstratas, ou seja, toda a variedade de conhecimentos e crenças tecnológicas, filosóficas, científicas, teológicas, históricas tais como línguas, arte, mitologia; abstrações sendo aquilo que se encontra apenas no domínio das idéias, excluindo-se totalmente as coisas materiais; e comportamento como modos de agir comuns a grupos humanos ou conjuntos de atitudes e reações dos indivíduos em face ao meio social. (Conforme Marconi e Presotto, 2008)

⁶ In Cultura, um conceito antropológico – Ed. Zahar – RJ - 2001

que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor, construído pelos participantes vivos e mortos de seu sistema cultural, e criar um novo objeto ou uma nova técnica. Nesta classificação podem ser incluídos os indivíduos que fizeram as primeiras invenções, tais como o primeiro homem que produziu o fogo através do atrito da madeira seca; ou o primeiro homem que fabricou a primeira máquina capaz de ampliar a força muscular, o arco e a flecha etc. São eles gênios da mesma grandeza de Santos Dumont e Einstein. Sem as suas primeiras invenções ou descobertas, hoje consideradas modestas, não teriam ocorrido as demais. E pior do que isto, talvez nem mesmo a espécie humana teria chegado ao que é hoje. (LARAIA, 2001, p. 26-27)

Antropólogos modernos acreditam ser uma das funções da antropologia reconstruir o conceito de cultura para chegar a uma precisão conceitual. Dentre as “teorias modernas”,⁷ destacam-se inicialmente, às teorias que consideram a cultura como um *sistema adaptativo*⁸ e as *teorias idealistas* de cultura, subdividida em três diferentes abordagens:

- cultura como sistema cognitivo, que estuda os modelos de comunicação construídos por membros de uma comunidade;
- cultura como sistemas estruturais, onde a cultura é definida como “um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”⁹;
- e cultura como sistemas simbólicos, ou seja, a cultura não é considerada como um complexo de comportamentos, é uma teia de significados que o mesmo homem teceu, que precisa desesperadamente dos programas entendidos como “um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções (que os técnicos de computador chamam de programa) para governar o comportamento”¹⁰.

É pertinente acrescentar, aqui (apesar de não se tratar de um antropólogo) as contribuições de T. S. Eliot que afirma ser a cultura “o produto de uma miríade de atividades mais ou menos harmônicas, cada qual exercida por sua própria finalidade”. E, por isso, ele considera importante termos claro as diferentes associações que o termo cultura pode ter:

“(…) a **cultura do indivíduo** depende da **cultura de um grupo ou classe**, e que a cultura do grupo ou classe depende da **cultura da sociedade** a que pertence este grupo ou classe. Portanto, a cultura da sociedade é que

⁷ Roger Keesing (1974) in "Theories of Culture"

⁸ Segundo Laraia: Difundida por neo-evolucionistas como Leslie White, esta posição foi reformulada criativamente por Sahlins, Harris, Carneiro, Rappaport, Vayda e outros.

⁹ Claude Lévi-Strauss

¹⁰ Clifford Geertz



é fundamental, e o significado do termo “cultura” em relação com toda a sociedade é que deveríamos examinar primeiro.” (ELIOT, 2008, p.33)

Em dado contexto a cultura pode ser entendida como refinamento de maneiras, estaremos então associando a classes sociais; podemos entendê-la também como erudição, ou ainda como arte, seja ela produzida pelo artista ou pelo amador. A questão é que as atividades culturais isoladas não conferem cultura a ninguém. O que Eliot quer dizer é que a cultura do indivíduo é indissociável da cultura do grupo que, por sua vez, não se abstrai da cultura da sociedade. Por isso o conceito de cultura deve considerar, ao mesmo tempo, três sentidos de cultura: cultura do indivíduo, cultura de um grupo e cultura da sociedade. “Somente mediante a uma superposição e partilha de interesses, graças à participação e à apreciação mútua, é que se pode alcançar a coesão necessária à cultura” (2008).

Eliot considera que o desenvolvimento da cultura e o desenvolvimento da religião, numa sociedade não-influenciada de fora, não podem ser claramente isolados um do outro. É ângulo de visão do observador que vai descobrir se a causa do progresso na religião é um refinamento da cultura, ou se a causa do refinamento da cultura é o progresso da religião. Como se religião e cultura fossem aspectos de uma mesma coisa. Em seguida nos sugere que as pessoas não têm consciência nem de sua cultura, nem de sua religião e que tanto uma quanto a outra significam coisas diferentes. Significariam para o indivíduo e para o grupo alguma coisa pela qual lutam, e não simplesmente alguma coisa que possuem. Como se fosse um erro considerar religião e cultura como coisas separadas entre as quais existe uma relação. “(...) qualquer religião, enquanto dura em seu próprio nível dá um significado aparente à vida, fornece a estrutura para uma cultura, e protege a massa da humanidade do tédio e do desespero”.

A medida em que a sociedade se desenvolve rumo à complexidade, emergem diversos níveis de cultura que promovem uma divisão de classes sociais. Algumas classes possuem uma função de manter, no seu interior, uma parte da cultura total da sociedade e isto beneficia a sociedade como um todo, a torna saudável. Estar consciente deste fato, segundo Eliot, evitará que imaginemos ser a cultura de uma classe “superior” algo supérfluo a toda a sociedade, ou à maioria, e que pensemos ser algo que deveria ser compartilhado igualmente por todas as outras classes.

O que temos que considerar são os papéis que representam a elite e a classe na transmissão de cultura de uma geração à seguinte. Devemos recordar do perigo, (...) de identificar a cultura como a soma de atividades culturais distintas; e, se evitarmos essa identificação, deixaremos também de identificar nossa cultura de grupo como a soma das atividades das elites (...) o antropólogo pode estudar o sistema social, a economia (...);

mas não é simplesmente observando em detalhe todas essas manifestações, e reunindo-as, que ele se aproximará de uma compreensão dessa cultura. Pois, entender uma cultura é entender o povo, e isso significa compreensão imaginativa (ELIOT, 2008, p.56).

Eliot define, então, cultura, não simplesmente como a soma de várias atividades, mas, como “um modo de vida”. O entendimento de cultura como um ‘modo de vida’ mostra a influência que Eliot recebeu da antropologia e da sociologia. E aqui temos uma entrada para um dos fundadores dos Estudos Culturais, Raymond Williams. Para ele a posição de Eliot acerca da função desempenhada por uma classe de preservar a parte que lhe cabe da cultura da sociedade, associada a insistente informação de que “a cultura é todo um modo de vida”, constitui o alicerce sobre o qual se erguem as duas importantes análises da obra¹¹ de Eliot: primeiro, a adoção de um significado de cultura como ‘um modo inteiro de vida’ bem como a consideração do que significam os “níveis de cultura” dentro desse modo de vida como um todo; segundo, o esforço por distinguir elite de classe criticando as teorias de uma elite. Raymond Williams observa que Eliot, ao pensar em cultura como ‘todo um modo de vida’, acentua que grande parte de um modo de vida é, necessariamente, inconsciente. Boa parte de nossas crenças comuns identificam-se com o comportamento ordinário, e isso assinala a principal diferença entre dois significados de “cultura”. O que algumas vezes chamamos ‘cultura’ - uma religião, um código moral, o sistema de leis ou conjunto de obras de arte – deve ser visto como apenas um parte – a parte consciente – daquela “cultura” que é todo um modo de vida. “Essa é, evidentemente, maneira iluminante de pensar acerca da cultura, embora as dificuldades que desde logo surgem, sejam grandes. De fato, assim como não podemos estabelecer correspondência entre função e classe, não podemos estabelecê-la, também, entre cultura consciente e sistema global de vida.”

A Cultura em Raymond Williams

Já que Raymond Williams foi, inevitavelmente citado, aproveitamos o ensejo para, finalmente, incluir à problematização um dos autores que iniciou com os Estudos Culturais Britânicos.

As obras que deram origem aos Estudos Culturais Britânicos são, cronologicamente, *Uses of Literacy* (HOGGART – 1957); *Culture and Society* (WILLIAMS – 1958); *The Long Revolution* (WILLIAMS – 1961); e *The Making of the English Working Class* (THOMPSON – 1963). De fato, foi com os recursos advindos da venda daquela

¹¹ Notas para uma definição de cultura.



primeira publicação, cujo assunto era o consumo cultural da classe operária inglesa, que se tornou possível bancar o início do Centro de Estudos Culturais Contemporâneos¹². Apesar disso, o segundo nos é mais pertinente neste artigo por, justamente, se propor, antes de tudo, a compreender e rever a própria cultura em que estes autores estavam inseridos. O autor atribui ao industrialismo e a democracia, instalados entre os anos de 1780 a 1950, a grande transformação da vida humana. É como se estivéssemos em um processo de “grande evolução” durante aqueles 170 anos, que, para o autor, foi um período crítico de revoluções em que o mundo mudou mais do que em dez mil anos. Pouco antes do livro ser impresso Raymond Williams declarou: “estamos atingindo, a partir de vários caminhos, um ponto em que se pode realmente elaborar uma nova teoria geral da cultura”.

por vivermos uma cultura em expansão, dispomos muito de nossa energia lamentando esse fato, em vez de buscar compreender-lhe a natureza e as condições. Creio que uma ampla revisão de fatos relativos à nossa história cultural torna-se necessária e urgente, em matérias tais como alfabetização, níveis educacionais e imprensa. (WILLIAMS, 1969, pg.12)

Considerando que o conceito de cultura e a própria palavra, em seus usos gerais, surgiram no pensamento inglês no período da Revolução Industrial, Raymond Williams, em *Culture and Society* tenta mostrar o desenvolvimento do conceito de cultura até ocasião da publicação do mesmo. Aliás, outras palavras ganhavam uma importância muito grande na língua inglesa da década de 1950, incorporadas a esse idioma nas últimas décadas do século XVIII e na primeira metade do século XIX, ou, a partir, dessa época, adquiriram sentidos novos e relevantes: indústria, democracia, classe, arte e cultura. É como se apenas inseridos no contexto do final do século XVIII fosse possível reinterpretar a tradição que a palavra cultura descreve em termos de experiência.

A evolução da *cultura* é, talvez, a mais impressionante em relação as de todas as outras palavras referidas. Cabe, em verdade, dizer que as questões ora implicadas nos significados da palavra *cultura* são questões diretamente surgidas das grandes transformações históricas, que, à sua maneira, se traduzem nas alterações sofridas pela *indústria*, *democracia*, *classe* e são de perto acompanhadas pelas modificações experimentadas pela palavra *arte*. A evolução da palavra *cultura* da testemunho de numerosas reações, importantes e continuadas, a essas alterações de vida social, econômica e política e pode ser encarada, em si mesma, como um especial tipo de roteiro, que permite explorar a natureza das mesmas alterações (WILLIAMS, 1969, p. 18).

Apesar de ter cogitado analisar apenas a cultura, por ser de todos aqueles vocábulos o que melhor traduzia os traços destas transformações em toda a complexidade, Williams

¹² O CCCS foi criado por Hoggart, na década de 60, no intuito de ter os meios como foco de estudo.



percebeu que quanto mais analisava este vocábulo, mais se convencia da necessidade de alargar seu sistema de referências porque via que a história da palavra cultura, a estrutura de seus significados, era um movimento geral de idéias e sentimentos. De qualquer forma a evolução do conceito de *cultura* é considerada a mais impressionante em relação às de todas as outras palavras referidas. As questões ora implicadas nos significados da palavra *cultura* são questões diretamente surgidas das grandes transformações históricas, que, à sua maneira, se traduzem nas alterações sofridas pela *indústria*, *democracia*, *classe* e são de perto acompanhadas pelas modificações experimentadas pela palavra *arte*. A evolução da palavra *cultura* da testemunho de numerosas reações, importantes à essas alterações de vida social, econômica e política e pode ser encarada, em si mesma, como um especial tipo de roteiro, que permite explorar a natureza das mesmas alterações. A idéia de cultura seria mais simples se fosse resposta ao industrialismo apenas, mas, foi resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, isto é, à democracia. Então, a obra referida é uma reunião de 40 depoimentos, incluindo autores que vão de Burke¹³ a Orwell¹⁴, divididos em três partes (Uma Tradição do século XIX, *Interregnum* e Opiniões do século XX), para apresentar uma síntese dos problemas daquela época e a caminhada para a criação de uma “cultura nova, complexa e insegura”.

Ao analisar as obras dos autores selecionados, Raymond Williams considera que autores do século XIX se deparavam com o clima de contrastes vividos pela Inglaterra durante a Revolução Industrial. Cultura, neste contexto, indica uma orientação que seria amplamente seguida: o estabelecimento da idéia de um governo ativo e responsável, cujo primeiro dever é o de promover a saúde geral da sociedade, em oposição à sociedade do *laissez faire* dos economistas políticos. É como se um novo mundo moral a ser criado, graças a um governo atuante e a um sistema de educação nacional, viesse a se combinar com a idéia de uma cultura positiva, que ganhou forças e conseguiu ampla adesão na medida em que o século avançava. elemento significativo nessa corrente é a idéia de que a natureza humana é produto e “um sistema total de vida”, de uma “cultura”. Havia, também, autores românticos interessados no estudo e crítica da sociedade que distinguiam “multidão” de pessoas “cultas”. Ao distinguir “multidão” do reduzido número de pessoas ‘cultas’, o adjetivo ‘culto’ contribui para o surgimento de novas e necessárias abstrações da palavra cultivo: cultismo e cultura para distinguir entre multidão e reduzido número de pessoas cultas. “Em debates desta espécie cultura virou antítese normal de mercado.

¹³ Edmund Burke, filósofo e político autor da obra Reflexões sobre a Revolução Francesa de 1790, que denuncia as injustiças cometidas pelos ingleses na Índia.

¹⁴ George Orwell, autor de *Animal Farm*. Esta dentre os 40 autores basicamente, pela franqueza que desperta.



Possuídos por um novo espírito, os artistas passam a considerar-se como agentes da “revolução pela vida”, na sua condição de portadores da “imaginação criadora”. Aqui deparamos com uma das principais fontes da idéia de cultura: sobre essa base é que se iria fazer a associação da idéia de perfeição geral da humanidade com a prática e o estudo das artes.

Williams considera alguns dos ensaios destes românticos documentos notáveis da história intelectual do século XIX. Uma unificação verdades contidas, tanto na posição utilitarista quanto na idealista e, assim, antecede grande parte da história subsequente do pensamento inglês a respeito de sociedade e cultura e coloca esta última, definitivamente, no pensamento social inglês. A idéia de cultivo, ou cultura, é laçada como uma idéia social, capaz de corporificar verdadeiras idéias de valor. Em vista das transformações sociais que marcaram a época da Revolução Industrial, o cultivo já não podia ser tido como processo espontâneo, mas tinha de ser afirmado como um absoluto, como centro (p. 83). “A introdução da idéia social de cultura no pensamento inglês fez-se, assim, pela formulação de uma idéia que traduzia valores em termos independentes de “civilização” e, conseqüentemente, num período de mudança radical, independentes do progresso da sociedade” (1969, p.83).

Pouco mais tarde origina-se a construção do conceito de cultura em termos das artes. O desenvolvimento específico dessa idéia como uma das linhas principais da crítica ao tipo novo de sociedade industrial. Ai se encontram e se combinam a idéia de cultura como corpo artes e de conhecimento e a idéia de cultura como corpo de valores superior ao processo normal da sociedade. Houve uma separação entre as atividades agrupadas sob o título de cultura e os objetivos principais do novo tipo de sociedade. Cultura veio a ser definida como uma entidade isolada e uma idéia crítica.

Seguindo a tradição do século XIX Williams cita um trecho de J. H. Newman¹⁵ que diz o seguinte:

Seria desejável que a língua inglesa, como a grega, contasse com uma palavra precisa para exprimir, de maneira simples e geral, a proficiência ou perfeição intelectual, assim como “saúde” é utilizada com referência à compleição animal e “virtude” com referência a nossa natureza moral. Não consigo achar essa palavra; talento, capacidade, gênio, aludem claramente à matéria-prima, que é a base, mas não àquela excelência, que é o resultado de exercício e dedicação. Sem dúvida, se nos voltarmos para tipos especiais, de perfeição intelectual, encontramos palavras, como por exemplo juízo, gosto, habilidade, que parecem satisfazer: contudo, mesmo esses vocábulos referem-se, no seu uso comum, a capacidades ou hábitos relativos à prática ou à arte e não a um estado perfeito do

¹⁵ *On the Scope and Nature of University Education* (1852)

intelecto, considerado em si mesmo. A palavra sabedoria, que é mais ampla do que qualquer outra, também não se aplica, dada sua referência direta à conduta e à vida humana. Conhecimento e ciência expressam apenas idéias intelectuais, mas não um estado ou condição do intelecto; de fato, conhecimento, em seu sentido comum, corresponde a uma de suas circunstâncias, denotando uma posse ou uma influência; e ciência passou a designar o objeto do intelecto, em vez de ser algo que constituísse, como devia ser, o próprio intelecto. Em conseqüência, vejome, neste momento, obrigado a usar muitas palavras, para, em primeiro lugar, despertar e transmitir o que, por certo, não é idéia difícil por si mesma – a do cultivo do intelecto como um fim; em segundo lugar, para recomendar essa idéia, o que, certamente não é propósito desarrazoado; e, finalmente, para descrever e conceituar a particular perfeição em que esse propósito consiste (*apud* WILLIAMS, 1969, p. 127).

Williams cita o parágrafo acima pela surpresa que lhe causa o fato de Newman buscar de uma palavra precisa, e não ter recorrido à palavra cultura. Há nesta tradição, também, autores que chamam cultura de ‘a busca da perfeição’. Cultura, então, é estudo e busca. Em oposição à tendência universalista, a cultura, é uma alternativa para a anarquia. Williams alerta para o perigo de transformar a liberdade num fetiche. “Perfeição é um “vir a ser”, cultura é um processo”.

Uma hipótese básica para o desenvolvimento da idéia de cultura, é, segundo Williams a de que a arte de certo período se relaciona íntima e necessariamente com um “sistema de vida” dominante e, em conseqüência, os juízos estéticos, morais e sociais estão em estreita correlação. Esta hipótese é, na verdade, um produto da história intelectual do século XIX.

Outra formulação de grande importância na Inglaterra do século XIX é a que o relacionamento entre períodos artístico e períodos já se havia formado antes na Europa (ver obras de Vico e Montesquieu), mas, na Inglaterra, isso só acontece na década de 1830. Esta idéia é formulada por nomes como Morris¹⁶. A arte se transforma em particular espécie de trabalho. O prazer do trabalho havia sido destruído pelo sistema de preocupação mecanizada. Autores desta fase consideram que a culpa era do sistema, e não das máquinas. O contraste entre cultura e anarquia continua em outros autores que colocam o sistema econômico baseado na competição como ameaça a ‘condições de cultura moral’ e uma “ordem econômica de inspiração moral”. Mas desta vez, o contraste se baseava em termos que desafiavam os princípios básicos da economia industrial do século XIX.

O movimento geral de caráter social proposto por Morris fez com que ele cruzasse o período de *interregnum* (entre os anos de 1880 e 1914), e chegasse no século XX na

¹⁶ William Morris. Sua importância está no fato de ter buscado ligar valores gerais da tradição a uma força social efetiva e crescente: a da classe trabalhadora organizada.

condição de representante de idéias, ainda, muito modernas. No período de transição entre os séculos XIX e XX em que alguns escritores, de menor expressão influenciaram, de certa forma, o pensamento de Williams acerca da cultura, encontramos Mallock¹⁷. Para ele, “é com a vida que nos rodeia que estamos todos preocupados; e o duplo objetivo da cultura é, simplesmente, este: fazer-nos apreciar a vida e tornar a vida digna de ser apreciada (...) o fim da cultura é fazer de nós melhor companhia, como homens e mulheres do mundo”. As idéias não mudam, muda a prosa. Aqui encontramos a doutrina da ‘arte pela arte’ a concepção de cultura como “o verdadeiro significado moral da arte e da poesia”.

A fase de transição examinada por Williams, culmina com a obra de Hulme¹⁸, que, preparado considera o romantismo como um coroamento da evolução do humanismo e se preocupa com derrubá-lo, preparando terreno para ‘uma radical transformação da sociedade’ que denomina de “clássicos”. Se constata um ceticismo generalizado com a análise a força da Revolução Francesa como causadora de modificações, para rejeitar os princípios em que ela se apoiava. É conveniente lembrar que foi dessa análise e dessa rejeição de princípios que brotou importante parcela da noção de cultura, quando se passou a dar ênfase à ordem, contrapondo-a ao individualmente dominante. A fase de transição é fechada com a observação de que a idéia de perfeição foi trazida erroneamente da esfera religiosa. Para Hulme romantismo é ‘religião extravasada’. Mais tarde, veremos T. S. Eliot popularizando o pensamento de Hulme. William concorda com Hulme quando afirma que romantismo é religião extravasada e complementa que nas primeiras definições de cultura havia muito de “religião extravasada”. Entramos no século XX buscando saber se o novo movimento da arte, a rejeição do romantismo, está, de fato, baseado na concepção “clássica” do homem.

Entra-se neste século com a ênfase dada ao pensamento moral. O industrialismo é considerado um ‘fetiche’, um meio para manter a sociedade. Não existia preocupação em defender a cultura contra o industrialismo, e sim criar uma “cultura comum”. Foi formulada uma objeção e este pensamento: “cultura depende de padrões e estes, por seu turno, dependem de minorias cultas; não se coadunam com o ideal da igualdade, que tenderia a um mero nivelamento na mediocridade”. Mas, para Williams, a desigualdade econômica, ao lado de manter, possivelmente, genuínas minorias cultas, também pode manter, com mais forte razão, “fraudulentos critérios de eminência”.

Williams considera tal posição normal e humana, porém, parece encerrar uma não resolvida contradição – a qual frases a propósito de alargamento e enriquecimento da

¹⁷ W. H. Mallock, autor de *The New Republic* (1877)

¹⁸ T. E. Hulme: *Speculations: Essays on Humanism and the Philosophy of Art* (1924)



cultura conseguem apenas obscurecer – entre o reconhecimento de que a cultura precisa crescer e a esperança de que “padrões existentes de excelência” possam ser mantidos intactos.

Há, também, uma problematização de marxismo e cultura. O próprio Marx esboçou que nunca desenvolveu por completo uma teoria da cultura. Uma teoria marxista da cultura admitira diversidade e complexidade. Williams nota apenas o fato de que a “cultura” não estava tão adiante, nem tão filiada ao futuro quanto então se imaginou. É verdade, por certo, que as abstrações da arte e da cultura eram um substitutivo, tanto na própria arte como na vida em geral, para relações sociais satisfatórias.

Em verdade, a julgar pelas tentativas britânicas de construir uma teoria marxista da cultura, o que se vê é uma interação entre Romantismo e Marx, entre a idéia de cultura, tal como enfeixada pela tradição inglesa, e a idéia de cultura como brilhantemente a reexaminou Marx. A interação cabe concluir, continua a processar-se e está longe de completa.

Para os marxistas, cultura, via de regra, significa produtos intelectuais e de imaginação de uma sociedade; isso corresponde ao modo falho de usar o termo “superestrutura”. Parece que os marxistas deveriam logicamente empregar o termo “cultura” no sentido de um processo integral de vida, ou um processo geral de caráter social, já que dão ênfase à interdependência de todos os aspectos da realidade social e definida importância à dinâmica da mudança social. Não se trata de discutir uma política sabia ou ignara, livre ou totalitária; trata-se, em vez disso, de discutir os pontos falhos de uma teoria da cultura.

Williams interessa-se pela teoria marxista, porque o socialismo e o comunismo são, hoje importantes. Prosseguiremos buscando, na medida em que continuarmos a dar valor ao seu estímulo, o esclarecimento que a teoria terá a trazer à questão, no campo da cultura como um todo.

Conclui, então, sua obra com a sensação de que a história da idéia de cultura é a história do modo por que reagimos em pensamento e em sentimento às mudanças de condições por que passou a nossa vida. Chamamos cultura a nossa resposta aos acontecimentos que constituem o que costumamos definir como indústria e democracia e que determinaram mudança das condições humanas. A idéia de cultura é a resposta global que demos à grande mudança geral que ocorreu nas condições de nossa vida comum. O desenvolvimento da idéia de cultura corresponde a esse esforço lento e gradual para reformular e recobrar o controle. A idéia e cultura corresponde a um esforço comum de



estudo e de tomada de consciência, mas as conclusões, bem como os pontos de partida, foram diversos. A palavra cultura não pode ser automaticamente utilizada como forma de diretiva social ou pessoal. Seu surgimento, com os significados modernos, assinala o esforço por uma avaliação qualitativa total, mas não chega propriamente a uma conclusão, sendo antes um processo.

Em se tratando de comunicação de massa, é certamente verdade que, na sociedade de nosso tempo, muitos homens, e muitos deles inteligentes, aceitam de boa ou de má fé, papel e atividades tão dúbios. A aceitação de má fé é caso pra lei, embora não tenhamos ainda caminhado muito no sentido de estabelecer essa forma de controle geral. A aceitação de boa fé constitui, por sua vez, uma questão relativa à cultura dominante.

Observando as massas, é preciso ser destacado que para se julgar uma cultura não basta levar em conta os hábitos coincidentes com os do observador. É demasiado cedo para concluir-se que uma cultura de maioria é necessariamente de padrão baixo. O que importa, entretanto, não é sermos todos maleáveis.

A comunicação não é somente transmissão, e possível que a transmissão desempenhe um papel decisivo, podendo, se convenientemente orientada, afetar aspectos da conduta e mesmo as crenças vigentes. Necessitamos de uma cultura comum. Necessitamos dela não pra dispor de uma abstração, mas porque não sobrevivemos sem seu auxílio.

Enfim, a palavra cultura, que anteriormente significara primordialmente “tendência de crescimento natural” e, depois, por analogia, um processo humano mesmo (referindo-se à cultura *de alguma coisa*), alterou-se no século XIX vindo a significar, em um primeiro momento, “um estado geral ou disposição de espírito”, em relação estreita com a idéia de perfeição humana. Posteriormente, passou a corresponder a “estado geral do desenvolvimento intelectual no conjunto da sociedade”. Mais tarde, correspondeu a “corpo geral das artes”. Ainda mais tarde, já no final do século, veio indicar “todo um sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual”.

Em suma, desejo mostrar o surgimento de *cultura* como uma abstração, como algo de absoluto: surgimento que, de modo nada simples, da origem a duas respostas genéricas – primeiro, o reconhecimento de uma separação prática entre certas atividades morais e intelectuais e o ímpeto vigoroso de um novo tipo de sociedade; segundo, a elevação destas atividades a uma espécie de corte de apelação para o homem, posta acima de juízo social prático, e, ao mesmo tempo, como alternativa moderadora e reordenadora. Em qualquer desses sentidos, *cultura* não foi apenas uma resposta aos novos métodos de produção – a nova *Indústria*. Ligava-se também aos novos tipos de relações pessoais e sociais, constituindo, repito, um reconhecimento de separação prática e uma forma de acentuar alternativas. A idéia de *cultura* seria mais simples se fosse resposta ao



industrialismo apenas; foi, porém, resposta a novos desenvolvimentos políticos e sociais, isto é, a *Democracia*” (WILLIAMS, 1950, p. 20).

Como bem observa Escosteguy (2001) é como se Williams considerasse a cultura uma categoria-chave que conecta a análise literária com a investigação social.

Conclusão

Encerramos, por ora, cientes da complexa e ainda ativa história da palavra. Ao menos, até aqui. Na ausência de um conceito preciso, procuramos acompanhar a evolução do tratamento do problema da cultura dentro da tradição das ciências do homem, especificamente na concepção dos Estudos Culturais Britânicos, uma vez que existe uma pesquisa maior motivada pela necessidade do entendimento da contribuição da noção de cultura nos Estudos Culturais para o campo da comunicação. Oposições e superposições nos conceitos não reduzem a complexidade. E esta não está na palavra cultura, mas nos problemas que as variações do seu uso implicam.

Referencias Bibliográficas:

- CHILDE, Gordon - “Evolução Social” – Ed. Zahar -RJ-1961
- CUCHE, Denis – “A Noção de Cultura nas Ciências Sociais” – Ed. EDUSC - SP – 2002
- ELIOT, T. S. – “Notas para uma definição de cultura” – Ed. Perspectiva – SP – 2008
- ESCOTEGUY, A. C. – “Os estudos culturais em debate” – *in* UNIrevista - Vol. 1, nº 3 : julho 2006.
- HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera – “Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências” – Ed Vozes – RJ – 2001
- JOHNSON, Richard – “O que é, afinal, Estudos Culturais?” – Ed. Autêntica – BH - 2006
- LARAIA, R. B. – “Cultura, um conceito antropológico” – Ed. Zahar – RJ - 2001
- MATTELART A. e NEVEU, E. – “Introdução aos Estudos Culturais” – São Paulo: Ed Parábola, 2004
- PARIS, Carlos – “O Animal Cultural” – Ed. EDUFSCAR – SP - 2004
- WILLIAMS, Raymond – “Cultura e Sociedade” – Ed Paz e Terra 2º Ed – SP – 1969